

### **Construções típicas são um aborto? Presentismo e germanidade nos conflitos da passagem de Roberto Burle Marx por Blumenau**

*An abortion of architecture: considerations about Roberto Burle Marx's visit to Blumenau.*

**Ricardo Machado\***

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)  
Chapecó, Santa Catarina, Brasil

**Recebido em:** 19 jan. 2021.

**Aprovado em:** 01 jun. 2021.



---

\* Professor de Teoria da História da Universidade Federal da Fronteira Sul. Doutor e mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina e graduado em História pela Fundação Universidade Regional de Blumenau. (ricardomachado1982@gmail.com)

## Resumo

O artigo problematiza as transformações urbanísticas e arquitetônicas na cidade de Blumenau, Santa Catarina, nas últimas décadas do século XX através do conflito gerado pela passagem de Roberto Burle Marx na cidade. O paisagista teria afirmado na imprensa de que as formas adotadas a partir dos anos 1970 seriam um aborto arquitetônico, gerando um intenso conflito que se estendeu por alguns meses, mobilizando a opinião do poder público, dos intelectuais e da imprensa local. Essa contenda trouxe visibilidade a uma questão mais geral relativa ao debate sobre as políticas da memória, invenções identitárias e usos do passado no tempo presente.

**Palavras-chave:** Roberto Burle Marx. Arquitetura. Blumenau. Tempo presente.

## Abstract

The article discusses the urban and architectural changes in Blumenau in the last decades of the 20th century through the conflict generated by the passage of Roberto Burle Marx in the city. Burle Marx reportedly stated in the press that the forms adopted from the 1970s onwards would be an architectural abortion, generating an intense conflict that lasted for a few months, mobilizing the opinion of the public authorities, intellectuals and the local press. This contention brought visibility to a more general issue related to the debate on the politics of memory, identity inventions and uses of the past in the present time.

**Keywords:** Roberto Burle Mar. Architecture. Blumenau. Present time.

*Só quem acredita em herança  
não se resigna diante  
de tanta água oxigenada*

Marcelo Labes, *Enclave*

## Quando Blumenau vira Blumenau?

Atualmente a cidade de Blumenau é associada a uma identidade étnica germânica, cuja origem teria sido os processos de imigração para o Brasil na segunda metade do século XIX. Mesmo que tentemos, hoje não há como abordar a cidade sem relacioná-la diretamente às suas origens. Essa evocação ao repertório formal do passado para as construções do presente torna a cidade um caso particular das relações entre usos do passado e suas implicações políticas no tempo presente, e que ainda merecem ser melhor problematizadas.<sup>1</sup>

Se buscarmos Blumenau no *Google*, a maioria absoluta das imagens que surgem são de construções tidas como “típicas” no centro da cidade ou no espaço da Vila Germânica<sup>2</sup>. O que chama atenção é o fato de que imagens que surgem, diretamente ligadas aos informes publicitários da cidade, são associadas a um conjunto arquitetônico construído a partir da segunda metade dos anos 1970, que se intensificou nas décadas de 1980 e 1990. As representações ao mesmo tempo bucólica e festiva da cidade, colada a um passado da imigração é um apelo relativamente recente e se construiu em oposição a uma certa modernidade na cidade. A fachada dos prédios e casarios no centro urbano é o elemento mais visível de uma complexa arquitetura que ultrapassa as estruturas físicas e tomam lugar nas formas de definição de uma relação singular com o passado, marcadamente identitário, com um recorte preciso naquilo que nas últimas décadas passou a se entender, ainda que de forma bastante genérica, como germanidade. Queiramos ou não, Blumenau é a cidade das festas, do chopp e hoje, da

---

<sup>1</sup> Além de Blumenau, no sul do Brasil há outras cidades que são conhecidas por investimentos arquitetônicos semelhantes, com destaque para cidades da rota turística da serra gaúcha, como por exemplo Gramado, Canela e Nova Petrópolis.

<sup>2</sup> Antiga PROEB (Fundação Promotora de Exposições de Blumenau), atualmente denominada Parque Vila Germânica é um centro de eventos de grandes proporções (atualmente 30 mil metros quadrados), espaço originalmente reservado para a realização da *Oktoberfest*, mas que nas últimas décadas criou um calendário permanente de atrações festivas e turísticas como por exemplo *Sommerfest*, *Osterdorf*, Festival da Cerveja, Magia de Natal entre outros. Informações retiradas do endereço: <http://www.parquevilagermanica.com.br/o-parque/>. Acessado em 24 de mar. 2019.

cerveja artesanal. Tal afirmação só mostra a complexidade dessa imbricada história que foi sendo escrita nas últimas décadas por múltiplos agentes.<sup>3</sup>

Ainda que existam poucos estudos a respeito, parece necessário nos perguntarmos em que momento Blumenau vira Blumenau.<sup>4</sup> Essa indagação que, aparentemente, pode parecer retórica traz para o centro das atenções o processo de disputa sobre os significados do passado e os usos da memória. A pergunta possui uma imediata resposta econômica: diante do processo de crise da indústria na região dos anos 1980, o turismo se apresentou como a substituição de uma matriz industrial, especialmente ligada ao ramo têxtil, para a então denominada “indústria sem chaminés”, que permitiu a consolidação de determinadas elites políticas e grupos empresariais ligados a esse setor.<sup>5</sup> No entanto, para além dos aspectos econômicos, há uma história que envolve o processo de como as imagens publicitárias são transmitidas, como a arquitetura construída e os processos de gentrificação do espaço urbano são organizados, e ainda o papel dos intelectuais, mais especificamente, dos historiadores, nesse processo.

É claro que a afirmação identitária de uma cidade inteira possui implicações não somente econômicas, mas também relações diretas no ordenamento urbano, nos sentidos dados à cultura local, nas relações com grupos migrantes e estrangeiros, com as diferenças estéticas e políticas e, por isso, esse processo histórico de invenção precisa ser melhor conhecido para que se dissolva a naturalidade como essas associações são apresentadas no cotidiano. É pouco provável que Blumenau seja uma cidade mais xenofóbica/racista do que outras cidades médias no sul do país, mas certamente, o fato de que tais discursos preconceituosos quando lançados a partir de Blumenau ganham grande repercussão, justamente, por associar de forma direta a identificação germânica com uma afirmação política da branquitude, do racismo e do trabalho como valor

---

<sup>3</sup> Neste artigo quando tratamos da cidade de Blumenau estamos em grande medida nos restringindo ao centro e seus principais arredores. Como característico em cidades turísticas, grande parte da concentração dos investimentos urbanísticos embelezadores estão concentrados numa área relativamente pequena que ganha destaque quando a cidade é divulgada. Nos bairros de Blumenau, o morador cidadão precisa enfrentar os mesmos dilemas urbanos de outras cidades brasileiras: ausência de equipamentos públicos de lazer que leva a um contínuo processo de concentração da sociabilidade em ambientes comerciais e fechados como *shopping centers*; mobilidade urbana centrada nos automóveis, um sistema de transporte coletivo precário e deficitário e pequena estrutura para uso seguro de bicicletas tendo como efeito engarrafamentos e perda da qualidade de vida na circulação pela cidade; ocupações irregulares em encostas e áreas de alagamentos constante que leva a desastres permanentes ligados a enxurradas e enchentes; investimento público de equipamentos urbanos de melhor qualidade em bairros de elite enquanto as periferias recebem a estrutura precária, naturalizando as formas de exclusão espacial como a segregação urbana; entre outros. No entanto, mesmo o recorte deste artigo sendo bem específico, reconhecemos que cada um destes temas exigiria trabalhos com ênfase em abordagens interdisciplinares entre pesquisadores de áreas como Sociologia, Arquitetura, Geografia e História.

<sup>4</sup> Sobre a relação entre Blumenau e turismo o melhor trabalho a disposição ainda é o livro *Oktoberfest* (1997) da professora Maria Bernardete Ramos Flores. Além dele, temos uma coletânea de artigos organizado por mim e por André Voigt intitulado *Desterritorializações do Vale* (2012).

<sup>5</sup> O grande acontecimento político desse período é sem dúvida a greve têxtil de 1989. Sobre isso ver o Trabalho de Conclusão de Curso do historiador Martin Kreuz intitulado *Trabalhadores, Paternalismo e Conflito: análise das representações da greve de 1989 em Blumenau* (2010). Além dele, o livro *Nosso Passado (In)comum*, organizado por Ivo Theis, Marcos Mattedi e Fabricio Tomio, traz uma série de artigos produzidos por cientistas sociais e economistas que colocam em questão justamente o processo de crise da indústria, especialmente têxtil na região e abre para interpretações para especulações em torno da mudança da matriz econômica na cidade, ligada a terceirização do trabalho, “reestruturação produtiva”. Também dos mesmos organizadores vale destacar o *Novos Olhares sobre Blumenau: contribuições críticas sobre seu desenvolvimento recente* (2000).

moral.<sup>6</sup> Por isso, mesmo posições antagônicas tendem a tomar a unidade simplificadora entre Blumenau e germanidade como definidora de suas reticências, acabando por invisibilizar a diversidade ética, estética e política que no passado e na atualidade compuseram e compõem a cidade.<sup>7</sup>

Este artigo não trata da busca purista entre a Blumenau falsa que se manteria na aparência e a Blumenau verdadeira que estaria escondida sob o simulacro. O enxaimel falso é a verdade de Blumenau. Erram aqueles que esperam encontrar algo sob a maquiagem arquitetônica reproduzida pela publicidade. O que está em jogo é justamente a performatividade da imagem e a capacidade de transformar uma cidade em produto. Mais do que um lamento daquilo que a cidade não é, à História interessa a problematização das relações de poder que a erigiram dessa maneira. Precisamos nos afastar de uma visão em que as diferenças culturais são uma questão de consenso, algo que já encontramos estabelecido e que nos resta simplesmente preservar. Reconhecer a importância da identidade e diferença implica também em sabermos que se trata de uma questão política, afinal, estas marcas do poder têm a capacidade de incluir/excluir, demarcar fronteiras, impor hierarquias e classificar socialmente.<sup>8</sup>

Aquela que na metade do século XIX nasceu como cidade da imigração, tornara-se um porto da branquitude em oposição a composição multiétnica da sociedade brasileira, esperança de modernização emblematizada pela força de trabalho livre em oposição ao trabalho escravo, da propriedade privada frente às sesmarias.<sup>9</sup> Depois, nos anos de 1930, a região passou a ser vista com desconfiança, como um quisto étnico, marcado pelas possibilidades de separatismo e afirmação regional vinculada a nações que o Brasil declara como inimigas durante a segunda guerra mundial. As formas da sacralização corporativa da ditadura Vargas levaram a intervenção política, mudanças nos nomes de locais da cidade e histórias de perseguição que ainda hoje rondam as memórias. No período, Blumenau não se distanciou tanto do desenvolvimento urbano de outras cidades. O casario da parte central assumiu aspectos modernistas em detrimento de construções que ainda carregavam suas origens coloniais, passaram a ser vistas como problemáticas justamente por sua ligação com a Alemanha. A modernidade também se expressava pelas novas formas de consumo, da publicidade, do estilo de vida influenciado pela indústria cultural norte-americana. As elites locais apostaram no investimento em construções

---

<sup>6</sup> POLÍCIA Civil de Blumenau apreende material nazista. *Jornal de Santa Catarina*. Blumenau, 05 dez. 2017. <http://jornaldesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/seguranca/noticia/2017/12/policia-civil-de-blumenau-apreende-material-nazista-10054001.html>. Acesso 24 de mar.2019.

<sup>7</sup> Um fenômeno relativamente recente, característico da comunicação através das redes sociais, com autoria incerta, tem sido recorrente: o aparecimento de neologismos como Blumenoia e Blumenazi para caracterizar, de forma depreciativa, a cidade, relacionando com uma certa ideia de identidade cultural.

<sup>8</sup> SILVA, TADEU Tomaz. A produção social da identidade e diferença. In: SILVA, Tomaz da Silva; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 82.

<sup>9</sup> Mesmo que hoje se saiba da utilização do trabalho escravizado desde os primórdios da colonização da cidade, ainda assim, Blumenau, desde muito cedo, propagandeava-se como referência no trabalho livre, resultado das políticas de embranquecimento da população empreendida pelo império brasileiro. Sobre isso ver o livro de André Voigt intitulado *Cartas reveladas. A troca de correspondências entre Hermann Blumenau e Johann Jacob Sturtz: algumas considerações* (2004).

modernistas de grande envergadura através da contratação de renomados arquitetos como Hans Broos e Gottfried Boehm. No período o acontecimento arquitetônico marcante foi justamente a destruição da Igreja matriz antiga para a construção de uma catedral profundamente modernista no centro da cidade.<sup>10</sup>

Foi somente nos anos 1970 que a cidade passa por um complexo investimento publicitário, político e arquitetônico, em torno de nova afirmação indenitária germânica, agora associada ao desenvolvimento do turismo. Aquela arquitetura modernista que ocupava com destaque o centro urbano, passa, pouco a pouco a ser substituída pelo enxaimel falso.<sup>11</sup> Foi neste período que o paisagista Roberto Burle Marx esteve na cidade e sua opinião sobre as recentes transformações tiveram uma significativa repercussão, já que seu prestígio como intelectual e artista confrontavam com uma ideia de comunidade que se constitui por uma unidade sacralizada através de conjunto de investimentos relativos ao passado. Por isso, o debate ocorrido extrapola as considerações sobre a arquitetura, para se relacionar com o tema da história e usos do passado, além de considerações sobre arte moderna, arquitetura e suas implicações políticas.

### **Burle Marx, um mestre em Blumenau**

Roberto Burle Marx esteve em Blumenau no ano 1980, convidado pela indústria Hering para realizar um jardim suspenso no pavimento da estrutura de concreto da fábrica. Na ocasião, também inaugurou uma exposição de sua obra plástica na galeria Açu-Açu, convidado pelo *marchand* Lindolf Bell. Os jornais anunciaram com grande entusiasmo a presença do artista na cidade. A primeira reportagem que registra sua chegada intitulava-se “Burle Marx, um mestre em Blumenau” e foi publicada na primeira edição do mês de dezembro daquele ano<sup>12</sup>. O texto apresenta Burle Marx como um artista criativo e laborioso, que “desde cedo aceitou a vocação como um desafio, onde a ideia de revelar e inventar, vincula-se ao respeito pela natureza brasileira e suas fascinantes propostas de beleza”. Demarca o fato de sua obra ser mundialmente conhecida, se expressa através de diversas linguagens como jardins públicos e particulares, tapeçarias, desenhos, gravuras e pinturas. O entusiasmo do texto se torna ainda mais explícito quando exalta a presença de Burle Marx em nome da comunidade: “Sua presença na

---

<sup>10</sup> CARESIA, Roberto. In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Meri. *Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes*. Blumenau: Nova Letra, 2000.

<sup>11</sup> O enxaimel em diferentes situações é tratado como um “estilo”, no entanto, o verdadeiro enxaimel é um técnica construtiva originalmente usada no norte da europa, posteriormente usada nas áreas de colonização. No Brasil atual, construções que fazem referência ao enxaimel são associadas de forma bastante automática a Alemanha. Sobre a noção de falso arquitetônico ver GONZÁLEZ MORENO-NAVARRO, Antoni. Falso histórico o falso arquitectónico, cuestión de identidad. *Loggia, Arquitectura & Restauración*, [S.l.], n. 1, p. 16-23, sep. 1996.

<sup>12</sup> BURLE Marx, um mestre em Blumenau. *Jornal de Santa Catarina*. 30 nov. e 1 de dez. 1980. p. 26.

comunidade enaltece qualquer proposta de cultura, em qualquer sentido, em qualquer espaço, em qualquer tempo”.

Roberto Burle Marx, junto com Lúcio Costa e Oscar Niemayer, fez parte da geração pioneira do modernismo arquitetônico brasileiro e ainda que tenha se dedicado a diversas formas de expressão artística, seu prestígio se legitimou pela sua obra paisagística. Ao longo de sua vida foi autor de mais de mil projetos de paisagismo distribuídos em diversos continentes do mundo. Seu trabalho integra a curiosidade científica e a fruição estética, o que o levou a realizar pioneiras expedições botânicas Brasil adentro, conhecendo e coletando espécies que pudessem adquirir potencial paisagístico.

Sua formação esteve implicada com as transformações e debates relativos ao modernismo brasileiro, desdobrado após a semana de arte moderna de 1922. Para o arquiteto Guilherme Mazza Dourado,<sup>13</sup> o modernismo de Burle Marx ganha contornos antropofágicos justamente por encarar a criação de uma sociedade urbano-industrial, apresentada como incompatível com os jardins que naquele período passaram a se remeter a um ideal aristocrático. Burle Marx criou os seus jardins como parte integrada da cidade, como lugares democráticos em que o cidadão comum pudesse fruir esteticamente da natureza nativa.

Burle Marx se insere no movimento da vanguarda modernista que buscava criar versões cosmopolitas de brasilidade. Segundo Cavalcanti e El-Dehad, ele “propunha, nessa redescoberta do país, escapar do pitoresco que, até então, parecia dominar aqueles que buscavam alternativas para a influência do velho continente”.<sup>14</sup> Sua opção por lidar com o mundo vegetal está ligada a este mesmo problema. Se no período havia um desprestígio pelas sociedades ameríndias e de origem africana frente a valorização do elemento branco-colonizador, o mesmo ocorria nos termos da flora nativa. Para Burle Marx era preciso fundar uma nova concepção de jardim que rompesse com os jardins ingleses, valorizando as formas de vida natural do continente americano, especificamente do território brasileiro.

Naquela ocasião, logo após sua chegada na cidade de Blumenau, Burle Marx concedeu uma entrevista no canal 09 à Maria Odete Olsen. Na entrevista ele se posicionou sobre diversos assuntos que estavam em voga no período. Dentre os temas, Marx foi interpelado a respeito de sua opinião sobre a arquitetura na cidade. Alguns trechos da mesma entrevista foram publicados com destaque na imprensa escrita, especificamente no Jornal de Santa Catarina.<sup>15</sup>

Sua opinião ganharia destaque na manchete do jornal: “Construções típicas são um aborto”. Apesar do título, a entrevista aborda outros temas como a polêmica do projeto Jari

---

<sup>13</sup> DOURADO, Guilherme Mazza. *Modernidade Verde: Jardins de Burle Marx*. São Paulo: Senac, 2009.

<sup>14</sup> CAVALCANTI, Lauro; EL-DEHADH, Farès. Roberto Burle Marx: a permanência do instável 100 anos. Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 49.

<sup>15</sup> Vivia-se num período em que a imprensa organizava a narrativa cotidiana daquilo que se considerava efetivamente importante na cidade. O Jornal de Santa Catarina, ainda antes de ser administrado pelo Grupo RBS (atualmente NSC), consolidava-se como meio de comunicação, recorrendo a uma cobertura estadual dos acontecimentos, ao mesmo tempo que garantia espaço representativo da pauta da região. O jornal publicava não só reportagens locais, mas sobretudo, dava destaque a diversos colunistas que garantiam o debate a respeito da política, cultura e sociedade da cidade (questões que muitas vezes se apresentavam mescladas).

Amazônia, em que o governo brasileiro concederia uma gigante porção de terra (equivalente ao estado do Sergipe) ao bilionário norte-americano Daniel Keith Ludwig nas margens do rio Jari, na fronteira do Pará e Amapá para atividades ligadas a agropecuária, celulose e mineração. Apesar de grande influência no governo, o projeto sofreu muitas resistências, levando ao abandono, em 1982, pelo empresário norte-americano. Em 1980, a imprensa fazia ampla cobertura da questão<sup>16</sup> e Burle Marx considerava o projeto absurdo e inconstitucional: “só no período da ditadura que isso pode acontecer. E esta atribuição foi justamente no período da ditadura de maneira que acho e continuo achando que isso é uma atitude antipatriótica, a gente admitir que um homem possa ter uma área tão grande”. A pergunta feita pelo jornalista não parecia ser aleatória: Burle Marx, além de ambientalista reconhecido, já havia se posicionado sobre a questão em outras ocasiões naquele período.<sup>17</sup> Mas o que nos interessa aqui é justamente a continuidade da entrevista, quando se manifesta em relação ao direito da palavra numa democracia. Ainda se referindo ao projeto Jari:

É uma pena que no Brasil, nós não possamos falar abertamente daquilo que achamos errado, porque tivemos um período de ditadura e, num período de ditadura, não temos direito de nos manifestarmos e de fazer alguma coisa contra aquilo que achamos errado. Hoje eu me sinto contente porque tenho a liberdade de me manifestar. Eu acho também, que esse direito é de todo brasileiro e todos têm consciência dos problemas que atingem um país. Nós temos a obrigação de combater os erros.<sup>18</sup>

Hoje talvez soe estranho o fato de que, em 1980, Burle Marx considerava que o Brasil não vivia mais em uma Ditadura (mas também é verdade que ainda não há consenso entre os historiadores a esse respeito).<sup>19</sup> O que é certo é o fato de que o início da década de 1980 foi, sem dúvida, um momento em que o tema da liberdade de expressão ganhou uma centralidade na sociedade brasileira. Se por um lado, Burle Marx informava que no Brasil ainda não se podia falar abertamente aquilo que estava errado, por outro, ele se sentia livre para se manifestar a respeito dos temas que lhe interessava.

---

<sup>16</sup> Em uma pesquisa na Hemeroteca Brasileira, só no Jornal do Brasil foram 480 menções ao Projeto Jari somente no ano de 1980.

<sup>17</sup> Numa conferência intitulada *Escalada da Devastação*, também de 1980, Burle Marx se posiciona da seguinte maneira: “O projeto Jari é o que se pode classificar de vergonha nacional. Pesam seríssimas denúncias sobre esse empreendimento e a atitude de seus mentores é ditada pela certeza da impunidade. Parece que as leis que regulamentam as vendas de áreas para estrangeiros não vigoram nessa jurisdição especial. O governo concede avais de milhões de dólares para importar equipamentos similares na indústria nacional, passando por cima de disposições e regulamentos criados por ele próprio, o governo, permitindo um enclave com características feudais no interior do nosso território, favorecendo e estimulando a depredação da floresta, pondo em risco o equilíbrio da biomassa, incentivando o deslocamento de populações, que marginalizada após o fracasso das agrovilas, são absorvidas por empresas nacionais e multinacionais, como mão-de-obra em regime de semi-escravidão.” (MARX; TABACOW, 2004, p. 156).

<sup>18</sup> CONSTRUÇÕES típicas são um aborto da arquitetura. *Jornal de Santa Catarina*. Blumenau, 01 de dez. 1980. p. 08.

<sup>19</sup> Ditadura se encerra em 1979 com a Lei da Anistia? Ou em 1985 com a eleição indireta de Tancredo Neves? Ou seria em 1989 com a eleição de um presidente pelo voto direto e já com uma nova constituição? Essas datas não dizem respeito somente à cronologia, mas podem expressar a ambiguidade do próprio termo. Sobre isso ver BAUER (2015).

Mesmo que grande parte do que foi publicado da entrevista de Burle Marx tratasse do Projeto Jari e da liberdade de expressão numa democracia, ainda sim, talvez prevendo a repercussão, o editor do jornal optou pelo título desajeitado que criticava a arquitetura local. Sobre a questão Burle Marx possui uma posição muito precisa e direta: a arquitetura do enxaimel falso era simplesmente “uma deturpação, um fingimento, apenas um cenário” e elas “não trazem as mesmas características das grandes obras feitas pelos antigos colonos germânicos”.

Suas afirmações tiveram um significativo destaque, provavelmente, maior do que o próprio Burle Marx pretendia dar à sua entrevista. Apesar disso, ao que tudo indica, elas ocupariam lugar central nas rodas de conversa entre os envolvidos com a cultura, política e arquitetura da cidade. Uma opinião relativamente despreziosa, levou a reações duras – para não dizer violentas –, marcadas ainda pelo autoritarismo vigente no período.

A montagem da foto de Burle Marx sobreposta a de uma casa enxaimel ocupa centralidade na capa do jornal do dia 04 de dezembro, ilustrando a manchete: “Blumenauenses revoltam-se com as críticas de Burle Marx aos enxaimel”. A imagem dificulta a interpretação do leitor já que opõe o artista com uma casa “enxaimel verdadeiro”, criando uma falsa oposição que não informa efetivamente o teor da polêmica.

Ainda na capa, o texto destaca frases duras como “Burle Marx deveria ser preso”. Afirmações que seriam repetidas com maior desenvolvimento argumentativo no interior da matéria, na página nove. Lá descobrimos que “os blumenauenses” do título da matéria de jornal reduziram-se a três: um dono de uma joalheria, um gerente de loja e o prefeito da cidade.

Geraldo Jaeger, o joalheiro, que justifica a prisão de Burle Marx por “desrespeitar uma cidade que o acolheu carinhosamente, que o cobriu de homenagens”, também afirmaria que “se ele tiver vergonha, nunca mais deverá pôr os pés em Blumenau”. Não há motivos para realçar em nosso texto os outros insultos que Jaeger proferiu a Burle Marx, mas vale destacar que “sobra” para o *marchand* Lindolf Bell, que segundo o joalheiro, teria sido muito infeliz ao fazer apologia ao paisagista. Somente no final da entrevista, ficaria mais explícito para o leitor que o foco da polêmica se dava justamente na relação entre arquitetura autêntica e a invenção de Blumenau como cidade turística: “O que Roberto Burle Marx queria encontrar aqui, afinal? Enxaimel autêntico? Não é concebível. A nossa imitação é apreciada por todos os turistas que nos visitam, e isso é o que nos interessa”.<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> CRÍTICAS de Burle Marx revoltam blumenauenses. *Jornal de Santa Catarina*, Blumenau, 04 dez. 1980.

Figura 1 – Críticas de Burle Marx revoltam blumenauenses.



Referência: Capa do *Jornal de Santa Catarina*. 04.12.1980

Afonso Heusser, gerente das Casas Pernambucanas, segue na tentativa de deslegitimar a opinião de Burle Marx, que para ele não passaria de “mau gosto” e “falta de educação”. E quanto as obras artísticas de Burle Marx? Para Heusser “não são lá essas coisas” e que ele teria vindo para levar o dinheiro blumenauense, sem trazer nada de útil.

O último a ter a palavra registrada pela matéria seria o próprio prefeito da cidade, Renato Vianna, que na ocasião exercia o seu primeiro mandato (1977-1982) pelo MDB (Movimento Democrático Brasileiro). Segundo a matéria do jornal, o prefeito teria dito que Burle Marx era um homem sem sensibilidade e grosseiro, cujas “palavras não tiveram nenhuma receptividade

no seio da comunidade catarinense”. Nota-se que assim como os outros entrevistados pelo jornal, Renato Vianna apela à comunidade como unidade que sustenta suas opiniões. É em nome de um todo que justificaria a impedimento do dissenso. A reação tão ríspida do prefeito da cidade dá visibilidade a importância política da transformação que a cidade vinha passando naqueles anos. Renato Vianna foi uma peça central de uma complexa engrenagem, cujas palavras de Burle Marx atravancavam como se fosse areia, tendo em vista que ele se tonaria um político extremamente influente na região, sendo eleito para sucessivos mandatos.<sup>21</sup> Foi justamente sob sua administração que a câmara de vereadores<sup>22</sup> aprovou a lei de incentivos fiscais para a construção do que foi denominado genericamente de “casas típicas”. Nos anos de sua gestão como prefeito, as mudanças arquitetônicas e urbanísticas foram profundas, tanto considerando empreendimentos privados - como aquele que viria a ser conhecido como “castelinho da Moelmann” -, quanto prédios públicos - como a própria prefeitura municipal, que teve início de sua construção no ano de 1980. Isso tudo nos ajuda a entender suas respostas ao Jornal de Santa Catarina naquela edição de 04 de dezembro de 1980. O prefeito encerra sua contribuição na matéria deixando mais explícito um investimento político na criação de Blumenau como cidade-mercadoria: “Nós estamos trabalhando com a intenção de embelezar nossa cidade e não para agradar a um paisagista que nada contribuiu para o destaque nacional que Blumenau hoje desfruta”. A cidade defendida pelos declarados blumenauenses se realiza em uma artificialidade autoconsciente, pois “não tem pretensão de ser mais do que sua própria aparência”. Apesar de recorrerem a um jogo retórico recuperado por palavras como memória, tradição e patrimônio, deixam explícito que não é a questão do genuíno que está em jogo, mas a elaboração de uma cidade parque-temático, sob o império do *kitsch*.<sup>23</sup>

Após registrar as opiniões dos três blumenauenses que se revoltaram contra a entrevista de Burle Marx, a matéria não poderia terminar de forma mais abrupta e hesitante frente a posição dos arquitetos de Blumenau a respeito do tema: “Quanto às opiniões dos arquitetos blumenauenses, estas se dividem; há os que repreendem a atitude de Burle Marx, e outros acham que apenas quis exprimir sua opinião, sem a intenção de ferir os sentimentos do povo

---

<sup>21</sup> Renato de Mello Vianna é advogado, filiado ao atual MDB (Movimento Democrático Brasileiro) foi prefeito de Blumenau (1977 - 1982/ 1993-1996) e deputado Federal por sucessivos mandatos. <http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/dicionarios/verbete-biografico/renato-de-melo-viana>. Acesso em 24 de mar. 2019.

<sup>22</sup> Foi promulgada a Lei 12262 de 30 de junho de 1977 em que dava estímulos fiscais para “construções típicas”. É verdade que no período houve muita discussão a respeito do que poderia ser considerado típico, mas é certo que o incentivo foi bem recebido a ponto de nos anos seguintes serem inaugurados prédios relevantes no centro da cidade com uma fachada “típica”. O mais marcante foi o prédio que hoje é conhecido como “Castelinho da Moellmann” de 1978, mas também poderíamos destacar os prédios dos bancos, todos situados na rua XV de Novembro. Como resposta a esta política o próprio poder público municipal constrói um prédio novo para a transferir a sede da prefeitura e câmara dos vereadores, recorrendo a esse modelo construtivo. Hoje estas construções se reproduzem infinitamente e dão uma atmosfera “germânica” para a cidade.

<sup>23</sup> CAMPOS, Emerson César de; FLORES, Maria Bernardete Ramos. Carrosséis urbanos: da racionalidade moderna ao pluralismo temático (ou territorialidades contemporâneas). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 27, no. 53, Jan/Jun 2007.

de Blumenau”. Por ora, ainda é difícil saber exatamente o que pensavam os arquitetos a respeito. A matéria, além de não esclarecer, ajuda a confundir.

A polêmica que teve início em uma entrevista para a TV, conseguimos acessar as ressonâncias transformadas em textos nas páginas dos jornais naqueles dias de dezembro de 1980. O tema ganhará centralidade na imprensa por semanas, se espalhando para a seção de cartas dos leitores, para os colunistas regulares e sendo foco de diversas reportagens. A presença da discussão na folha impressa pode ser tomada como o arquivo de um debate que também ganhou as ruas, tema nos cafés em que se encontravam e confrontavam a vida política e cultural cidadina.

**Figura 2** – “E essa discussão sobre os exaiméis?” “Burlesca”.



Referência: Cao Hering e Pimpão: *Jornal de Santa Catarina*. 11 de dez. 1980

Um importante espaço de expressão era justamente a seção de cartas dos leitores. Na página dois, o jornal de Santa Catarina, na época, dedicava um espaço significativo que permitia textos assinados por autores que não faziam parte do corpo editorial do periódico. Nesses textos, podemos vislumbrar elementos da recepção do próprio jornal.

O leitor Friederich Ideker publica sua carta reivindicando a condição de defensor da cultura germânica de Blumenau. Para ele, o Burle Marx não conhece as tradições e os costumes trazidos pelos colonizadores.

(...) a arquitetura empregada para embelezar nossa cidade é ao mesmo tempo o testemunho do respeito em relação aos que nos antecederam. Mesmo considerando-se um caráter semicomercial – visando o turismo – não pode-se negar a validade do nosso verde vale do Itajaí. Queira deus, que não apareçam outros Burle Marx's por aí, querendo ensinar-nos como devendo construir, pois foram exatamente os sábios do tipo Burle Marx, que criaram as condições para

que fossem construídas cidade como por exemplo São Paulo, verdadeira fábrica de neuróticos.<sup>24</sup>

Ideker termina a sua carta parabenizando as corajosas declarações do prefeito e cumprimenta o jornalista Luiz Antônio Soares pela tomada de posição no Programa *Ponto a Ponto* do Canal 13. De maneira semelhante, na tentativa de interditar as questões colocadas por Burle Marx, na edição do dia 04 dezembro, o leitor Victor Lucas intitula sua carta com um provérbio em latim que traduz a máxima de que gostos e cores não devem ser discutidos. Para defender a arquitetura promovida em Blumenau, Lucas também desmerece a obra artística de Burle Marx:

Os quadros mostrados pela TV – fruto do expressionismo ou impressionismo, não saberia eu situá-los – frente às obras arquitetônicas de Blumenau, de reconhecida estética e beleza, são, isto sim, ao meu desvalido entender, um aborto da natureza, talvez diria melhor, uma blague, para confundir os incautos. Mas, como *gustibus coloribus non estt abster-me-ei disputandum* de baixar uma sentença válida, já que há os que defendem, mesmo as maiores aberrações.<sup>25</sup>

Victor Lucas recorre a uma mistura de erudição pernóstica com falsa humildade para ao final chamar de aberração o trabalho do artista, mesmo que, ao que tudo indica somente tomou contato através da própria reportagem televisiva. Na sequência ele relaciona a polêmica instaurada com a memória ainda presente da desconfiança e dos conflitos gerados no período da nacionalização e suas consequências políticas. Cito para garantir a completude do argumento:

Blumenau é uma cidade que pauta sua vida pela ordem e limpeza, sem falar do dinamismo de sua gente, que se espelha nas suas industrias, verdadeiras tendas de trabalho, nacional e internacionalmente reconhecidas nos mais exigentes mercados. E tudo isso, sem os Burles e Raquéis e as Ursulas que cá aparecem para vender o seu peixe, muitas vezes podre.<sup>26</sup>

O leitor Victor Lucas faz uma referência direta ao artigo “Olhos Azuis”, publicado pela escritora Raquel de Queiróz em 1949 na revista *O Cruzeiro*. Nele, Queiróz chama atenção que, mesmo após o fim da campanha de nacionalização, a região do Vale do Itajaí ainda representa um perigo à segurança nacional. Para ela, a população da região seria um obstáculo à integração justamente pelo gritante desprezo pelos habitantes do resto do Brasil.<sup>27</sup> No período, a opinião da escritora também foi recebida de forma muito crítica, gerando uma série de artigos na revista *O Vale do Itajaí* e trazendo à tona novamente a problemática da assimilação que esteve em voga

---

<sup>24</sup> IDEKER, Friederich. Opinião. *Jornal de Santa Catarina*. 1. dez. 1980. p. 2

<sup>25</sup> LUCAS, Victor. Opinião. *Jornal de Santa Catarina*. 04 dez.1980. p. 2

<sup>26</sup> *Idem*.

<sup>27</sup> Sobre isso ver FROTSCHER, Méri. *Identidades Móveis: práticas e discursos das elites de Blumenau (1929-1950)*. Blumenau: Edifurb, 2007.

nos debates políticos e intelectuais no período após os anos 1920.<sup>28</sup> Lucas ressuscita a polêmica que parece nunca ter deixado de assombrar a região. A questão entre Raquel de Queiróz e Burle Marx se aproximam justamente porque o que está em jogo é o questionamento de quem tem a fala autorizada para tratar de temas da comunidade.

Semanas após o início da polêmica, finalmente os leitores puderam conhecer a opinião da Associação Profissional dos Arquitetos do Vale do Itajaí, que também ocupou a seção de cartas do leitor, no mesmo jornal, com um texto intitulado "Por uma verdadeira expressão cultural". Nela, os autores desenvolvem um longo texto em que reivindicam a legitimidade do *metier* para poder discutir as questões que, para eles, estavam sendo debatidas sem grande conhecimento de causa. Citam diversos expoentes da arquitetura como Lucio Costa, Vilanova Artigas, Gropius e, dentre eles, Roberto Burle Marx ganha lugar de destaque.

As classes de profissionais as mais diversas possuem seus expoentes, que por seus trabalhos trouxeram, de alguma forma, legados culturais inegáveis, só contestáveis aos olhos de observadores desavisados e superficiais. Podemos citar entre muitos, Lúcio Costa, Figueiras Lima, Rui Otake, Zino Zerni, Vilanova Artigas, Gropius, Galdino Duprat e, inegavelmente, Roberto Burle Marx. Sobre este último sabemos que foi na Alemanha, onde permaneceu parte de sua vida, que descobriu a potencialidade da flora brasileira transplantada para as estufas de Dahlem. Sua Vicência e realização profissionais a níveis nacional e internacional atestam sua capacidade e sensibilidade. Lamentamos que suas palavras tenham tido repercussão tão negativa e não tenham sido vistas como abertura a um questionamento mais profundo de nossos atos e obras. O apreço pelas obras autênticas, inseridas em seu tempo, é uma constante dos conhecedores de arte. Os movimentos artísticos retroativos, ou que pretendem a repetição, de movimento originais sempre, em todas as épocas da história e em todos os povos, denunciaram um recesso cultural.<sup>29</sup>

Foi estratégico para os arquitetos autores do texto ressaltar o vínculo de Burle Marx com a Alemanha, colocando em evidência o problema das origens tanto do artista quanto da cidade. Na biografia do artista é comum os autores abordarem com destaque a sua formação tributária a sua origem familiar. Seu pai, Wilhem Marx, de origem judaica, nascido em Stuttgart, criado na cidade de Trier, imigrou da Alemanha para o Brasil em 1895, onde casaria com Cecília Burle, filha de uma tradicional família pernambucana de ascendência francesa. Teria sido a mãe que aproximou o pequeno Roberto do mundo das artes e da natureza.<sup>30</sup>

O segundo acontecimento biográfico familiar importante é a viagem para a Alemanha entre 1928 e 1929 em busca de tratamento para um problema de visão de Roberto e também o seu aperfeiçoamento vocal. Por ironia do destino, teria sido nesta ocasião que Burle Marx tomaria contato com a flora brasileira através das coleções em estufas feitas pelo botânico Adolf

<sup>28</sup> Sobre isso ver VOIGT, André Fabiano. *A invenção do teuto brasileiro*. 1. ed. Blumenau (SC): Liquidificador Produtos Culturais, 2013.

<sup>29</sup> ASSOCIAÇÃO Profissional dos Arquitetos do Vale do Itajaí. Por uma verdadeira expressão cultural. *Jornal de Santa Catarina*. 05 dez. 1980. p. 02.

<sup>30</sup> CAVALCANTI, Lauro; EL-DEHADH, Farès. Roberto Burle Marx... *Op. cit.*, p. 45.

Engler. Este episódio biográfico, mesmo que apontado por alguns autores com uma carga de ficção, costuma ilustrar as origens do moderno jardim tropical.<sup>31</sup>

Na Alemanha ele estudou desenho e pintura na escola de Degner Klemm, e também foi em Berlim que ele teve oportunidade de ver trabalhos de artistas como Van Gogh, Picasso, Braque, Gís, Arp, Matisse e Klee. Foi essa experiência que o teria levado a decisão de ser pintor. Em 1930, de volta ao Brasil, matriculou-se na Escola de Belas Artes.

Os arquitetos autores da nota do jornal recorrem a autoridade do campo para contrapor a forma em que a entrevista de Burle Marx foi recebida na cidade. Demonstram a percepção de uma transformação mais geral em que a cidade vinha passando, que na visão deles, antagonizariam as obras arquitetônicas autênticas daqueles movimentos retroativos.

As belezas e potencialidades turísticas de Blumenau existentes inerentes, pelo capricho e laboriosidade de seu povo, pelas suas tradições culturais, pela variedade e qualidade dos produtos oferecidos pelo comércio, sua conformidade geográfica em meio a vales e montanhas verdejantes, a sua beleza hídrica e por seu clima essencialmente tropical. Não necessitamos de artifícios para atrair admiradores mais necessitamos cuidar e preservar nossos monumentos autênticos e termos como intenção primeira evoluir nosso estado e civilização e sempre dar o passo à frente.<sup>32</sup>

O artigo da associação de arquitetos parece ter mobilizado parte da categoria. O arquiteto Paulo Zutter dias depois, também se manifestaria, na mesma seção de cartas dos leitores. Nela, Zutter recorre a argumentos muito semelhantes à associação, desdobrando a questão da relação da arquitetura com o tempo, com a verdade e a falsidade. Para ele trata-se de uma transformação "que procura dar ao turista a falsa ideia de que Blumenau é uma linda aldeia num ducado da Saxônia, com burgomestre e tudo".

Portanto, não é com uma arquitetura estéril que mostraremos o quanto o blumenauense se orgulha de seus antepassados. Devemos, sim, preservar o que o imigrante nos deixou, fazendo com que o turista conheça a nossa Vila Itoupava e outros lugares autênticos. Ali sim, se encontram construções autênticas, onde se usaram amarrações de madeira em legítimo enxaimel, porque na época não havia concreto e todas as técnicas estruturais de hoje.<sup>33</sup>

Zutter diagnosticava uma transformação urbana que se aprofundaria ano a ano. Não mais uma visão modernista racionalista e funcionalista, não mais o apelo ao futuro, mas sim uma afirmação insistente ao passado, a tradição, à citação superficial de uma estética que passou a ser identificada como germânica. Fica evidente que a disputa entre este grupo de arquitetos e o poder público municipal, associado aos empresários interessados no turismo era, por um lado, a aposta em um patrimônio verdadeiro, por outro, a percepção que a cidade precisaria investir numa *disneyficação* do espaço.

<sup>31</sup> CAVALCANTI, Lauro; EL-DEHADH, Farès. *Op. cit.*, p. 49.

<sup>32</sup> ASSOCIAÇÃO Profissional dos Arquitetos do Vale do Itajaí. *Op. cit.*

<sup>33</sup> ZUTTER, Paulo Cesar de. Opinião. *Jornal de Santa Catarina*. 09 dez. 1980. p. 2

Blumenau parece tomar forma específica de uma transformação mais geral, que o historiador francês François Hartog chamou de regime de historicidade presentista. Em seu trabalho, ele demonstra a emergência de uma descontinuidade na maneira de percebermos e pensarmos o tempo entre os regimes de historicidade. Se por um lado o regime moderno, fruto das filosofias da história, do idealismo, buscava conhecer o passado como forma de erigir o futuro, no regime presentista o futuro se apresenta como algo fechado, interdito. No presentismo a relação com o passado é atravessada pela presença insistente de palavras como memória, tradição, testemunho e patrimônio.

Em sua obra, Hartog demonstra essa transformação em diversos lugares e segmentos da cultura, como na museificação, patrimonialização das cidades, mas também na onda *vintage* e nostálgica que se consolida em nossa sociedade. No caso de Blumenau, tal transformação cria contornos particulares, justamente pela capacidade de reinventar a relação com o passado da imigração de origem germânica, apostando no pastiche e na folclorização da cultura. Além disso, é preciso interrogar não somente a relação com passado neste regime presentista, mas também, o que muda na relação com o futuro. Diferente do regime moderno, no presentismo “este futuro não é mais um horizonte luminoso para o qual marchamos, mas uma linha de sombra que colocamos em movimento em direção a nós, enquanto parecemos marcar passo no presente e ruminar um passado que não passa”.<sup>34</sup>

Em um mundo marcado justamente pela dispersão, deslocamento e perda dos vínculos comunitários, busca-se estabelecer, mesmo que de forma provisória e deslizante, uma experiência passadista. É dessa nova relação com o passado que emerge e se solidifica a questão da “identidade” e, a partir de então, toda relação estabelecida com a diferença passa a ser atravessada pelas referências construídas por ela. Desde então as diferenças são “aceitas” se elas também passarem a ser musealizadas: “como um valor flutuante que responde às necessidades da moda, a etnicidade permanece uma referência estável, uma vez que é a condição básica da museificação das culturas”.<sup>35</sup> É por isso que a tradição se apresenta como um lamento, uma batalha a ser feita, um passado a ser recuperado em nome de valores etéreos, mas que na prática garantem a economia turística e afirmação identitária da cidade. Para Hartog, nesta nova configuração da relação com o tempo, a memória opera como um vetor da identidade. Para ele, “trata-se menos de uma identidade evidente e segura dela mesma do que de uma identidade que se confessa inquieta, arriscando-se de se apagar ou já amplamente esquecida, obliterada, reprimida: de uma identidade em busca dela mesma, a exumar, a “bricoler”, e mesmo a inventar”.<sup>36</sup> Daí a necessidade permanente de ritualização através de celebrações, ritos, festas que atualizam na cultura uma relação com o passado atravessada por

---

<sup>34</sup> HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. *Vária História*, Belo Horizonte, vol. 22, nº 36, Jul/Dez 2000, p. 273.

<sup>35</sup> JEUDY, Henri-Pierre. *Espelho das cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005, p. 41.

<sup>36</sup> HARTOG, François. Tempo e Patrimônio... *Op. cit.*, p.266.

um certo remorso, uma ardente obrigação de conservação que se apresenta insistentemente na ordem do dia.

O turismo, a paisagem como mercadoria, a estética vintage, as afirmações indentitárias que buscam se estabilizar em diferentes origens, são as expressões mais evidentes da transformação do presente na sua relação com o tempo e com a cultura. Blumenau, mesmo que com contornos específicos, acompanha essas mudanças, que durante muito tempo se apresentaram como um consenso que poucos foram capazes de quebrar. De lá para cá esta relação da cidade se expande de maneira surpreendente, reordenando completamente o centro urbano de Blumenau, disseminando em grande parte das políticas de cultura e com grande impacto no reordenamento econômico e político.<sup>37</sup>

### **Para finalizar: um aborto?**

O Jornal de Santa Catarina, naquele período, publicava não só reportagens locais, mas sobretudo, dava destaque a diversos colunistas que garantiam o debate a respeito da política, cultura e sociedade da cidade (questões que muitas vezes se apresentavam mescladas). Por isso, retomar as páginas do jornal para estudo da história, permitiu visualizarmos questões ligadas às ações institucionais dos representantes do poder político e econômico, como também às dimensões mais comezinhas, opiniões que se contradiziam, que se encontravam nas colunas sociais, mas que se desconstruíam na forma de perceber as mudanças na cidade. Por isso, mesmo reconhecendo que as pautas expressavam os interesses dos grupos políticos locais, é preciso evidenciar que por outro lado, possibilitaram, mesmo que de forma marginal, minoritária, a expressão do contraditório, daqueles que ocupavam o espaço da palavra oficial pelas margens. Por isso, decidimos apresentar neste artigo, o fato de que a opinião de Marx desencadeou diferentes posições sobre o tema, ainda antes de uma ideia de cidade germânica parecer tão estabilizada quanto nos dias atuais.

É verdade que hoje diante da reivindicação de direito ao corpo, parte importante da histórica luta pela emancipação feminina, o título deste artigo possa parecer desmedido. Não parece justo apresentar certa negatividade da palavra aborto, já que consideramos que a descriminalização da interrupção da gestação é um direito que precisa ser garantido às mulheres. Mesmo reconhecendo este problema, não consegui evitá-lo. Do meu ponto de vista, a frase de Burle Marx “construções típicas são um aborto” soou forte demais, com reações duras demais para que não ganhasse destaque em nossa leitura. É também verdadeiro que em nossa

---

<sup>37</sup> Hoje, mais importante do que os ritos fúnebres em frente ao mausoléu de H. Blumenau parece ser a conquista do acento em uma das “planetápeias”. Ano a ano, os desfiles da *Ocktoberfest* se ampliam e envolvem um número mais representativo de turistas e cidadãos locais. Neles, empresários e políticos ganham destaque ao desfilarem pedalando bicicletas estilizadas com nomes curiosos como: alfapeia, fuscoperopeia, sograpeia, locopeia. Fonte: <http://www.planetapeia.com.br/index.php>. Acesso em 24 de mar. 2019

língua aborto carrega outros significados. Por um lado, aborto é sinônimo de interrupção de um processo em andamento; por outro, é metáfora comum de certa monstruosidade, de seres que assumem características grotescas. Na frase de Burle Marx estes sentidos se fazem presentes também. Mas reconheço que o que pretendo sustentar neste artigo é que, de certa forma, para Burle Marx o presente está prenhe do futuro, e as construções típicas, a arquitetura do falso enxaimel, estariam interrompendo esta gestação.

Em janeiro de 1981, um mês após o início da polêmica, o jornal publicou uma rápida entrevista em que Burle Marx retoma o tema, deixando mais clara sua posição.

**Figura 3** – “Burle Marx está disposto a discutir, mas em termos civilizados”.



Referência: *Jornal de Santa Catarina*. 07 de janeiro de 1981.

Desta vez ele explicita a diferença entre o enxaimel como técnica construtiva e o “enxaimel” que se resume a uma citação na fachada da construção. Para ele, o que se fazia naquele momento “em Blumenau com o aval e incentivo da Prefeitura, é mais um set cinematográfico onde só a fachada importa, e não uma obra decorrente de sistema construtivo”.<sup>38</sup> Em seguida, Burle Marx dá vazão ao debate da liberdade de pensamento e a necessidade de garantir formas democráticas para a discussão de ideias, já que pelo que sabemos, grande parte da discussão se deu exclusivamente pela imprensa.

<sup>38</sup> BURLE Marx reafirma sua posição e rebate Vianna. *Jornal de Santa Catarina*. 07 jan. 1981. p. 09

Portanto, acredito ter ficado claro que minha posição não é direta à cidade de Blumenau, cuja recepção à minha pessoa sempre foi a melhor possível e onde tenho muitos amigos que, estes sim, estariam dispostos a uma discussão em níveis mais civilizados que os propostos pelo sr. Prefeito. Entendo que a discussão de assuntos controversos, como é o caso, deve ser feita em foro mais construtivo do que a grosseira troca de ofensas através da imprensa, como quer o Sr. Prefeito.<sup>39</sup>

Por fim, Burle Marx defende-se atacando. Não há como saber em que momento a discussão sobre a origem judaica da família dele teria vindo à tona, já que parte da polêmica ocorreu pela imprensa escrita e outra pela televisão. De todo modo, a questão da origem poderia também estar simplesmente subentendida. O que é certo é o fato de que o jornal de Santa Catarina encerra a entrevista registrando que na leitura de Burle Marx haveria uma relação mais profunda entre a afirmação identitária e o antissemitismo. Burle Marx termina sua entrevista dizendo: “admito a discussão de minhas ideias, na mesma medida que exijo que as discordâncias sejam colocadas em termos mais educados e éticos do que os evidenciados por um prefeito que se permite, inclusive, deixar vir a público suas tendências anti-semitas”.<sup>40</sup>

Hoje, passados quase quarenta anos desta discussão, ela constrange nossa sensibilidade diante daquilo que estamos habituados a encontrar na imprensa. Atualmente, mesmo que estes temas se façam presentes em nossas vidas, a imprensa parece evitar colocá-los em discussão de forma tão direta. Vivemos uma polidez pública, fato que leva este tipo de discussão para os canais mais subterrâneos<sup>41</sup> que dão vazão e visibilidade a questões e valores que ainda se fazem presente em nossa sociedade.

Henri-Pierre Jeudy desenvolve em seu *Espelho das Cidades* a relação entre musealização da vida e suas implicações políticas. Para ele, o risco do esquecimento produz culpa e legitima a conservação patrimonial, mas da mesma forma, este gozo produzido pela nostalgia acaba transformando-se rapidamente em morbidez, na interdição da potência do novo, na destruição daquilo que ainda não foi sacralizado como legítimo pela tradição. A exaltação da identidade, excesso de conservação, assim como “o poder infernal das raízes anulam a vida presente, destituindo-a de seus encantos”.<sup>42</sup>

Em nosso tempo, assim como em Jeudy, seria mesmo inconveniente imaginar que o que é designado como limpeza étnica possa ter qualquer relação com a preservação patrimonial das identidades culturais.<sup>43</sup>

---

<sup>39</sup> *Idem.*

<sup>40</sup> *Idem.*

<sup>41</sup> Me refiro aqui a difusão de conteúdo através das redes sociais, especialmente o *whatsapp*, que ocupam hoje um importante espaço na maneira como as pessoas se informam e emitem opinião. Este é um fenômeno de uma importância ainda incomensurável e exigirá novas metodologias para a sua compreensão.

<sup>42</sup> JEUDY, Henri-Pierre. *Espelho das cidades... Op. cit.*, p. 15.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 41.

## Referências

ASSOCIAÇÃO Profissional dos Arquitetos do Vale do Itajaí. Por uma verdadeira expressão cultural. *Jornal de Santa Catarina*, 05 dez. 1980. p. 02.

BAUER, Caroline Silveira. O debate legislativo sobre a criação da Comissão Nacional da Verdade e as múltiplas articulações e dimensões de temporalidade da ditadura civil-militar brasileira. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 22, n. 42, dez. 2015, p. 115-152.

BURLE Marx reafirma sua posição e rebate Vianna. *Jornal de Santa Catarina*, 07 jan. 1981, p. 09.

BURLE Marx, um mestre em Blumenau. *Jornal de Santa Catarina*, 30 nov. e 1 de dez. 1980, p. 26.

CAMPOS, Emerson César de; FLORES, Maria Bernardete Ramos. Carrosséis urbanos: da racionalidade moderna ao pluralismo temático (ou territorialidades contemporâneas). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 27, no. 53, Jan/Jun 2007.

CAREZIA, Roberto. In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Meri. *Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes*. Blumenau: Nova Letra, 2000.

CAVALCANTI, Lauro; EL-DEHADH, Farès. *Roberto Burle Marx: a permanência do instável 100 anos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

CONSTRUÇÕES típicas são um aborto da arquitetura. *Jornal de Santa Catarina*, Blumenau, 01 de dez. 1980. p. 08.

CRÍTICAS de Burle Marx revoltam blumenauenses. *Jornal de Santa Catarina*, Blumenau, 04 dez. 1980.

DOURADO, Guilherme Mazza. *Modernidade Verde: Jardins de Burle Marx*. São Paulo: Senac, 2009.

FLORES, Maria Bernadete Ramos; WOLFF, Cristina Scheibe. *Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

FROTSCHER, Méri. *Identidades Móveis: práticas e discursos das elites de Blumenau (1929-1950)*. Blumenau: Edifurb, 2007.

GONZÁLEZ MORENO-NAVARRO, Antoni. Falso histórico o falso arquitectónico, cuestión de identidade. *Loggia, Arquitectura & Restauración*, [S.l.], n. 1, sep. 1996, p. 16-23.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. *Vária História*, Belo Horizonte, vol. 22, nº 36, Jul/Dez 2000, p.261-273.

IDEKER, Friederich. Opinião. *Jornal de Santa Catarina*. 01. dez. 1980, p. 2.

JEUDY, Henri-Pierre. *Espelho das cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

LUCAS, Victor. Opinião. *Jornal de Santa Catarina*, 04 dez. 1980, p. 2.

KREUZ, Martin. *Trabalhadores, paternalismo e conflito: análise das representações da greve de 1989 em Blumenau*. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Centro de Ciências Humanas e da Comunicação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau.

MACHADO, Ricardo; VOIGT, André. *Desterritorializações do Vale*. 1. ed. Blumenau: Liquidificador Produtos Culturais, 2012.

MARX, Roberto Burle; TABACOW, José. *Arte e Paisagem: Conferências Escolhidas*. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

POLÍCIA Civil de Blumenau apreende material nazista. *Jornal de Santa Catarina*, Blumenau, 05 dez. 2017. Disponível em: <http://jornaldesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/seguranca/noticia/2017/12/policia-civil-de-blumenau-apreende-material-nazista-10054001.html>. Acesso 24 de mar.2019.

SILVA, TADEU Tomaz. A produção social da identidade e diferença. In: SILVA, Tomaz da Silva; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

THEIS, Ivo Marcos; MATTEDI, Marcos Antonio; TOMIO, Fabricio Ricardo de Limas. *Nosso passado (in) comum: contribuições para o debate sobre a história e a historiografia em Blumenau*. Blumenau: Ed. da FURB: Ed. Cultura em Movimento, 2000.

THEIS, Ivo Marcos; MATTEDI, Marcos Antonio; TOMIO, Fabricio Ricardo de Limas. *Novos olhares sobre Blumenau: contribuições críticas sobre seu desenvolvimento recente*. Blumenau: EDIFURB, 2000.

VOIGT, André. *Cartas Reveladas: a troca de correspondências entre Hermann Blumenau e Johann Jacob Sturtz: algumas considerações*. Blumenau: Cultura em Movimento, 2004.

VOIGT, André Fabiano. *A invenção do teuto brasileiro*. 1. ed. Blumenau (SC): Liquidificador Produtos Culturais, 2013.

ZUTTER, Paulo Cesar de. Opinião. *Jornal de Santa Catarina*. 09 dez. 1980. p. 2. Publicado por Maza Dourado.